

O casamento como um ritual de passagem: compreendendo o cotidiano **3**

Maria do Socorro Loureiro Cavalcanti*
Maria Cicera dos Santos de Albuquerque**

RESUMO

Neste trabalho apresentamos o casamento, enquanto um elemento cultural, que traz em sua complexidade uma riqueza de comportamentos sociais. A busca de respaldo bibliográfico, para compreender um casamento como um ritual de passagem, levou-nos a outras áreas de estudos, como a Sexualidade, a Sociologia, a História e a Filosofia, de forma a poder analisar os aspectos dos diversos rituais, compreendendo-os enquanto inseridos num contexto sócio-histórico. Utilizamos a adaptação do esquema de ritual de transição, segundo VAN GENNEP (1978), para apresentar o casamento de nossa informante, como um ritual de passagem. Conhecer a respeito do casamento e seus rituais, em culturas diferentes, enquanto pos-

* Professora do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e Psiquiatria da Universidade Federal da Paraíba. Discente do Programa de Doutorado da Área de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

** Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas-Discente do Programa de Doutorado da Área de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

Recebido em 22.10.97

Aprovado em 05.11.97

suidoras de múltiplas faces de vislumbrar o mundo, ampliam a possibilidade de entendimento da sexualidade. A experiência que nos foi relatada por uma mulher da zona rural remeteu-nos à reflexão dos valores simbólicos impostos, reproduzidos nos projetos de vida e de uma sexualidade esbarrada em regras sociais rígidas e restritivas, garantidas por normas, valores, crenças, mitos e símbolos, de elevado valor social discriminatório e repressivo.

APRESENTANDO O TEMA

Pretendemos neste estudo apresentar o casamento, adotando principalmente conceitos da Antropologia para a compreensão desse evento do cotidiano, que traz em sua complexidade cultural uma riqueza de elementos dos comportamentos sociais.

Consideramos importante, para a compreensão dessa temática, descrever a respeito dos termos Antropologia e cotidiano. No tocante ao primeiro, seu sentido etimológico aponta para *anthropos*, como uma palavra grega que significa homem, e *logia*, significando estudo; enquanto sua aplicabilidade tem sido indicada pelos estudiosos da Antropologia, como sendo o estudo do conhecimento do homem, respeitando sua visão de mundo, sua cultura. A Antropologia tem por objetivo estudar o homem como um todo, inserido no seu hábitat natural.

O segundo termo, cotidiano, é apontado por FERREIRA (1986) como originário do latim *quotidianu*, e significando “de todos os dias”, relativo àquilo que se faz ou sucede todos os dias. Portanto, cotidiano está aqui empregado para indicar eventos que se sucedem ou se praticam habitualmente.

Justificamos a escolha desse evento, um casamento, pelo fato de ser, por um lado, um evento do cotidiano, que transpassa vários tipos de sociedades, e por abarcar vários componentes e estruturas da cultura, relacionados aos estudos antropológicos, como os de crenças, valores, normas e símbolos

CASAMENTO: UM ELEMENTO CULTURAL

Alguns antropólogos, para analisar a estrutura de uma cultura, adotaram conceitos de traços, complexos e padrões culturais. Sobre traços culturais, MARCONI (1985) aponta como sendo a menor unidade

significativa da cultura, passível de isolamento no comportamento cultural. Dessa forma, a cerimônia de casamento, a aliança, as roupas, as flores, os presentes, a festa, entre outros, são unidades significativas, denominadas de traços culturais. No tocante aos complexos culturais, a mesma autora descreve como sendo um “conjunto de traços associados, formando um todo funcional” (p. 147). Assim, o casamento é visto como um complexo cultural, uma vez que contempla os vários traços culturais já apontados.

Referindo-se aos padrões culturais, HERSKOVITS (1963) salienta que são resultantes do agrupamento de complexos culturais de um interesse ou tema central, do qual derivam o seu significado. Dessa maneira, o matrimônio pode ser visto com o padrão cultural de uma sociedade que contempla o casamento como um complexo, que por sua vez inclui vários traços culturais.

A respeito de matrimônio, CAMPBELL (1990) vislumbra como sendo o restabelecimento simbólico da unidade, em sua origem, do homem e da mulher. Para esse autor, o casamento “é a díade reunida em um”, além de ser um modo de se entrar em contato com o seu outro lado, quer feminino ou masculino.

Para estudar um casamento, entendemos ser necessário apresentar os elementos que constituem a cultura, apontados por MARCONI & PRESOTO (1992), a saber: conhecimentos, crenças, valores, normas e símbolos; destes, buscaremos algumas conceituações, procurando um maior aprofundamento nos elementos relativos aos termos valor e símbolo, por acatar a idéia de que estes contemplam os rituais, dentre eles o casamento, com seus diversos traços culturais evidenciados pelos símbolos.

Assim, pautadas em MARCONI & PRESOTO (1992), passaremos a descrever a respeito de cada um desses termos, a iniciar pelo conceito de crenças, como sendo “uma atitude mental do indivíduo, que serve de base à ação voluntária” (p. 47). Este contempla conotações de ações tanto intelectualizadas, como do âmbito emocional.

As mesmas autoras fazem alusão aos tipos de crenças apontadas por Goodenough, como sendo: as pessoais (aceitas pelo indivíduo, independente da crença dos demais), as declaradas (aceitas e mencionadas em público, para defender e justificar as ações frente aos outros) e as públicas (aquelas com as quais os membros concordam, aceitam e declaram como suas crenças comuns). Entendemos que o casamento pode tramitar entre os aspectos de crença que vai das pessoais até as públicas, dependendo de como os seus membros aceitam esse evento.

Outro conceito que consideramos necessário descrever, diz respeito ao de *valor*, por ser aquele que, segundo MARCONI (1985: 141), “incentiva e orienta o comportamento humano”, a que contribui para a expressão dos sentimentos. Por ser um termo que contém em si uma carga muito ampla de significados, buscaremos delimitá-lo, respaldadas em FIRTH (1974: 59), como sendo “a qualidade da preferência atribuída a um objeto, em virtude de uma relação entre meios a fins, na ação social”. Esses dois conceitos dão uma idéia de valor, como algo construído pelo indivíduo, diante das oportunidades de ações sociais que se lhes apresentam, atribuindo a um objeto ou evento uma qualidade de preferência, que contribuem para incentivar e orientar os seus comportamentos.

No tocante à qualidade que é atribuída ao valor, FIRTH (1974: 60) apresenta seis tipos: *tecnológico, econômico, moral, ritual, estético e associativo*. Entendemos que o casamento pode estar relacionado a esses tipos de qualificativos do valor, em especial, abordaremos os de moral, estético, ritual e associativo. Este pode ser visto como embricado com o valor moral, por ser um aspecto que legitima a união dos dois indivíduos, perante uma sociedade, cujo direito é extensivo a outros, conforme os padrões adotados por essa mesma sociedade; com o valor estético, cujos adornos e vestimentas concedem aspectos vinculados ao belo e ao bom, segundo esses mesmos padrões. Quanto ao valor associativo, o casamento transmite uma idéia de comportamento que é partilhado não só pelo casal, mas, e principalmente, pelo conglomerado de pessoas, tornando uma atividade particular em pública, ao mesmo tempo.

Propositadamente, deixamos para abordar acerca do valor ritual por último, devido ao reconhecimento da sua amplitude. Várias são as colocações a respeito de ritual, mas introduzimos o tema com a de CAMPBELL (1990: 192), que o define como “a encenação de um mito”. Para esse autor, “o casamento é uma experiência de uma vida mitológica”, na qual as funções do mito são desenvolvidas. Ele afirma, ainda, que o mito pode ser entendido como uma “metáfora da potencialidade espiritual do ser humano”.

Dessa forma, o casamento visto por CAMPBELL (1990), como um ritual e este como uma encenação do potencial de espiritualidade do ser humano, desempenha as mesmas funções do mito, atribuídas por esse autor, que são: a mística, a cosmológica, a sociológica e a pedagógica. Assim, o casamento enquanto uma encenação do mito, ao atender a função mística, possibilita a abertura para as dimensões do mistério. Nesse sentido, a mitologia grega, contada por ARISTÓFANES (1987) em *O banquete*, de Platão, aponta que havia criaturas (andróginas) compostas de partes que correspondem, na atualidade, a dois seres humanos, e que foram separadas

em dois, formando homens e/ou mulheres que, dessa forma, passam a procurar a sua outra metade. Assim, é que CAMPBELL (1990) afirma ser o casamento o restabelecimento simbólico dessas duas metades.

Delineando a função sociológica do mito, esta pode ser compreendida como aquela que promove o suporte e a validação de determinada ordem social. Dessa maneira, as uniões podem estar pautadas num sistema social que varia entre a monogamia e a poligamia. Continuando sobre a função do mito, a pedagógica, segundo aquele mesmo autor, remete a um “como viver”, de maneira que, independente das circunstâncias, passa-se a viver num casamento a díade reunida em um, trabalhando o seu outro lado, quer feminino ou masculino. Nessa linha de abordagem, DURKHEIM (1971) atribui a essa função a denominação de educativa, considerando que o rito tem uma tarefa de reviver as crenças e de perpetuá-las.

Pare CAMPBELL (1990), os rituais, que antes diziam respeito a uma realidade interior, hoje transformaram-se em formalidades. Para esse autor, tal afirmação são pertinentes aos rituais coletivos e aos particulares, como é o caso do casamento.

Transpondo essa função, quer receba a denominação de pedagógica ou educativa, segundo essas visões apresentadas, leva-nos a questionar o sentido que tem o casamento em sociedades complexas contemporâneas, assim formuladas: Tem havido a busca a um “como viver”, sob tais circunstâncias? Os casamentos têm-se mantidos e adotados como forma de reviver e perpetuar crenças? Ou qual outro sentido que os indivíduos atribuem à função pedagógica/educativa do casamento enquanto um ritual? Responder a essas questões não se constituem nossas preocupações; entretanto, lançamo-las como uma forma de instigar novas buscas de compreensão.

A respeito dos símbolos, como elemento cultural, pinçamos de MARCONI & PRESOTO (1992: 143) que eles são “realidades físicas ou sensoriais as quais os indivíduos que os utilizam atribuem valores ou significados específicos”. Para essas autoras, o símbolo terá o significado que for partilhado socialmente.

Outro conceito de símbolo tem origem na etimologia, pela junção de sym-bol, significando a junção de duas coisas. Segundo CAMPBELL (1990), a colocação simultânea dos anéis, durante o casamento, aponta para o reconhecimento de um círculo que se completa. Indica, ainda, que está havendo a aliança de uma vida individual com uma vida a dois, em que “os dois são um só”. Pare esse autor, o anel representa a junção de dois em um círculo.

Dessas vertentes de conceituações dos símbolos, conseguimos abstrair que, dentre os símbolos ligados ao casamento, as alianças que são trocadas durante a oficialização da cerimônia, são símbolos que, ao mesmo tempo em que apresentam um significado socialmente partilhado, são ainda forma de reconhecimento de uma aliança das vidas individuais e de uma transformação em vida a dois, na qual eles já não são apenas a soma de dois, mas passam a formar uma vida em comum. Isso pode ser assim vislumbrado, pelo menos enquanto o casamento possa estar sendo entendido como o restabelecimento de uma unidade ou enquanto um ritual de passagem.

Consideramos que, neste momento, a nossa busca de aproximar as conceituações entre os elementos componentes da cultura com o casamento, como um complexo cultural, tenha sido realizada, embora de maneira compacta. Passaremos a apresentar, a seguir, as aproximações conceituais do casamento como um rito de passagem, seguida da apresentação de um evento colhido nas nossas experiências, enquanto estudos da cultura de mulheres em área rural.

O CASAMENTO COMO UM RITUAL DE PASSAGEM

Procuramos apresentar conceituações para o termo ritual. Este tem como uma das principais características a de se traduzir “numa forma de comportamento repetitivo que não tem um efeito técnico evidente e direto”, conforme aponta HELMAN (1994: 196). O ritual, portanto, de maneira sistemática, reforça valores e princípios de uma sociedade e o modo de agir dos seus membros, diante de outros indivíduos, ou frente aos deuses e ao mundo natural. Embora os antropólogos admitam a existência de rituais privados, eles têm se detido na análise e descrição dos três tipos públicos mais apontados, como sendo: rituais de ciclo cósmico, rituais de transição social, também conhecidos como ritos de passagens, e os rituais de infortúnios.

Convém que façamos um esclarecimento acerca do tipo que nos propomos a estudar, que é de transição social. Nesse sentido, o ritual marca uma fronteira no movimento desenvolvido pelo(s) indivíduo(s) na travessia das fronteiras sociais de um status a outro. Como afirma HELMAN (1994:202), o ritual “demarca a transição do indivíduo de um status a outro”. Para o mesmo autor, as razões pelas quais são invocados os rituais de transição têm por finalidades a de mercer o evento e proteger o indiví-

duo e a sociedade, através dos tabus e observâncias diversificadas. Assim, é que, no casamento, vários aspectos são observados e mantidos.

No estado de transição social, VAN GENNEP (1978: 37) descreveu três estágios dos ritos de passagens, com sendo os de: separação, transição e incorporação. No estágio de separação, ocorre a privação de sua vida social normal; no de transição, ocorre a segregação por meio de costumes e tabus diversos, num tempo variável. Concluído esse estágio, são outros os rituais que celebram a incorporação, através dos quais ocorre a admisão ao convívio, pare o novo papel social.

Transpondo esses estágios para o casamento, as três etapas podem ser, por analogia, assim entendidas: a separação ocorre quando os dois ao assumir o status social inicial, na condição de noivos, são iniciados na privação de aspectos de costumes e tabus, como preparo do vestuário, os convites, a proibição de ver um ao outro no dia que precede ao casamento; a transição configura-se durante a cerimônia de casamento pelo uso de roupas (conforme os costumes da sociedade em que o evento ocorre), da troca de alianças, das flores, das preleções desenvolvidas pelos celebrantes e da declaração de aceitação recíproca. Finalmente, a incorporação dá-se pelo ritual de cumprimentos, da festa, do jogar arroz ou pétalas, do amarrear latas no carro, da lua-de-mel, e através da incorporação ao novo papel social, que é o de estar formando um canal, uma família.

Para MELLO (1985), a transição, também chamada de liminaridade ou marginalidade, é um momento crucial, ambíguo e crítico, marcado por indefinição e imponderabilidade, que o torna “mágico” e marcado por algo com um “quê” de sagrado. A sacralidade, embora esteja relativizada nas sociedades modernas, continuam presenter; assumindo, entretanto, outras formas. Esse momento comporta a prática de tabus, e confraternização, a comensalidade e várias outras práticas, conforme o contexto.

CAMPBELL (1990: 76) aponta que o “tema básico do ritual é a vinculação do indivíduo a uma estrutura morfológica maior que o próprio corpo físico”. Nesse sentido, o ritual do casamento pode ser compreendido como a busca de superação dos próprios corpos ao transformarem-se numa unidade, que tem uma estrutura morfológica mais ampla, em termos de significados.

DESCREVENDO UM CASAMENTO

Para colher informações a respeito de um casamento, numa localidade pertencente à zona rural nordestina, procuramos utilizar a técnica de

entrevista semi-orientada, segundo QUEIROZ (1991), efetuando intervenções ocasionais na busca de trazer a informante ao tema investigado. No processo de transcrição da entrevista, respeitamos a expressão de linguagem, característica daquela região, por trazer em seu conteúdo uma riqueza de significados culturais desse grupo social. Para tanto, contamos com a colaboração da mulher mais idosa, que se dispôs a descrever a sua história de vida.

Pedimos permissão à informante para gravar a entrevista e para fazer citações, em trabalhos, dos aspectos culturais, colhidos através desta. Assumimos o compromisso de que todos os dados seriam conservados, e de que as verdadeiras identidades das pessoas envolvidas seriam omitidas. Mantendo-nos coerentes com os princípios éticos, a nossa entrevistada assume o nome de Diva e a pessoa com a qual se casou, por já haver falecido, será referida pela maneira como é tratada pela informante, que é a de finado A., cuja inicial também foi substituída para dificultar a identificação.

Solicitamos à entrevistada, informações acerca do seu casamento, através das seguintes questões norteadoras: *“Dona Diva, a senhora gostaria de contar coma foi o seu casamento? Teve namoro? Quanto tempo de namoro? Era em casa, ou na cidade? Teve o consentimento dos pais? Fale sobre a lua-de-mel e o vivenciar o casamento.*

Casei com 22 anos. Ele tinha 29 e eu 22 anos. Foi em 1934. Passei 24 anos e 5 ou 6 meses. Casei fugida. Meu rosto se modifica só de lembrar dizem que meus olhos brilham... Namorei só três meses. Era assim só de vista. Só de olho... Às vezes ia conversar na casa de um primo. Chegava e dizia: “Quem?z é esse senhor? “ “É um primo meu“. Eu venho aqui de noite, entro por trás, que é para o povo não ver, pois tinha um fuxiqueiro, um tal de Z. B., que dizia ao pai que estava conversando com ele. A minha irmã caiu de resguardo, e eu fico até com pigarro, só de falar.. Depois de cinco dias, fui para lá, tratar dela, quando estava conversando na porta... pai não estava em casa também, mas o finado Z. B. foi dizer a ele que eu estava conversando lá na casa de meu cunhado. A gente não demorava nas conversas. Assim namorei três meses. Ficava conversando, mas nem pareia, nem pegado de mão, nem beijinho, nem nada...

Certa vez o vizinho... Olhou para um canto, olhou para o outro, não viu nada. Só estava a esposa dele e eu... Ele ficou tão desconfado. O finado já tinha fugido, saiu por trás, lá ia ele caindo lá embaixo... Até que um dia, ele perguntou se eu casava. Eu respondi: “Sem antes pedir a pai, não“. “Mas você sabe como é seu pai, não quer saber de mim, coma faço para pedir? “ Eu disse: “Você manda uma carta e endireita o namoro “. Não sei por que pai não queria o namoro. Acho que é

porque ele era pobre e mais moreno do que eu. Anísio era uma pessoa boa, era um moreno meio alvo, sei não, da cor do sertanejo. Mas pai não queria. “Mãe sabe que tenho namoro com você, mas assim não vou não. Está acabado”. Ele disse: “Não faz isso!” Então, senhor que estava ouvindo, porque a gente estava na casa dele, disse: “Isso é muito fácil, você escreve. Você não sabe escrever, não?” “Ele tem uma irmã que escreve, cumadre C. Ela escreveu,

Quando amanheceu o dia, pai amanheceu brabo, dentro de casa, às 4 horas chamou para eu botar inhame no fogo, macaxeira, fazer o comer para o povo do engenho. Mãe ficava deitada. Ele disse: “Ô Ná, esta noite chegou uma carta falando Diva a casamento, se tu soubesse o noivo quem é?” “É aquele sertanejo que trabalhou lá em casa no engenho”. Mas nesse tempo a gente não tinha namoro. Mãe disse: “Ave Maria, cheia de graças, Deus a livre!”

Ele falou foi em dezembro, perto do Natal, mas nesse tempo a festa de Santa Rita era feita com a festa do Natal. Teve festa, mas, ele deixou eu ir passear? Não! Então o finado A. fez assim: ele veio com a irmã e foram para casa de senhor. Mais, eu saí o quê!...

Foi assim, pai chamou e disse:

“Olha, você não vai sair daqui não. Você vai me ajudar a noite todinha, ajudando aqui na mercearia! “

Eu, com uma raiva tão grande, disse:

“Não, vou é dormir! Não sei por que o senhor compra sapato, roupa, por isso mesmo é que nem mandei costurar os dois cortes de pano! É, pai, o senhor não quer o casamento não, mas não vou acabar! “. Não disse que fugia... Ele questionava: “Como é que vai casar?”... Para fugir nós fomos até a casa de um tio dele, de pés! Fomos até o Riacho Fundo, para casa de um senhor que era fazendeiro, nesse lugar. Fui para lá, não quis acompanhá-lo... Disse que me levava para o sertão. Ele ia para o sertão, porque lá tinha chovido. Eu disse:

“Vou não”.

“Por que você não vai?”

“Eu não, porque quando chegar lá o povo diz que eu não casei... Quero dizer que só vou sair daqui casada “... ”

“Se eu for com iocê, quando chegar lá você pode dizer que não vai mais casar. “

“Não, não faço isso não. Vou mais meus pais, minhas irmã, tem casa para gente dormir. “

“Não vou, não quero, não. “

O padre J. H. mandou dizer a pai que eu fiquei numa casa, num lugar chamado J. P., eu não tinha acompanhado ele não.

As moças naquele tempo não eram assim, não. Agora, se fosse nesse tempo, diziam, vamos embora!

Ele perguntou:

“Que hora é para fugir?” “Às 10 horas da noite. “

“Está cedo demais!”

“Não, é porque é a hora que meu pai esta dormindo. Ele vai botar o engenho para moer de uma hora da madrugada, ele não dorme quase na noite, só dorme um sono! Ele fecha a porta às 9 horas e às 10 ele está dormindo. “

Sai pela porta, fechei e botei a chave por debaixo da porta, onde meus irmãos dormiam. Quando se levantou e viu a chave, disse.- “Ô chente!” Ele desconfiava. Foi lá no meu quarto, chegou lá, estava a porta aberta, o lençol da cama forrado! Ele disse.- “Ô mãe, a senhora se levante para fazer o comer dos trabalhadores, que Diva fugiu!” Ela chorou foi muito... Lembrar agora isso me faz rir. Levei só quatro vestidos, porque a roupa estava molhada, parece que tinha dado uma chuva, mas fui assim mesmo... Depois que cheguei lá, chorei tanto, porque ele não escrevia... Ele foi-se embora, disse que vinha em janeiro para casar e no final de fevereiro, nenhuma carta, nem nada...

Eles mandaram minha mala, que guardava minhas coisinhas, mandaram a mala, mandaram uma rede, uma coberta, e dois parselhas de faca e garfo. O portador chegou e disse: “Está aqui sua mala, seu pai mandou!” Mandou a roupa e nada... Entrou o mês de março e não recebia nada de carta. Eu pensava: “Meu Deus, aquele rapaz me enganou... E eu, ficar aqui! “... Chorava tanto, escondida do homem.

Tinha uma Finha que morava na terra desse homem. Eu ia para a cidade com ela, mas ia de pés. Tinha um Joquinha que era viúvo, que dizia.- “Vem no meu cavalo!” Eu dizia: “Não, vou de pés mesmo”. Nesse tempo, tinha as pernas boas, porque a gente moça anda por todos os cantos, nesse tempo, não tinha rodage, não tinha nada. Eu disse.- “Ô dona Finha, vou falar uma coisa para a senhora, mas em segredo!” Ela perguntou: “O que é?” Respondi: “Gosto muito da senhora, mas vou embora para Recife“. “Vou embora para casa de meu padrinho, que meu padrinho falava muito para pai deixar eu ir despachar lá, porque ele tinha uma fábrica de bebida. “ Ela disse: “E dá certo, dona Diva?” Eu disse.- “Mas você não diga nada, não, ao senhor J., porque não quero mais ficar aqui! Por causa daquele viúvo que esta peijando para eu casar com ele, mas não quero. Não soube decisão nenhuma, não quero nada!” Isso foi no começo de março. Então, ela falou: “Dona Diva, vou dá um conselho, a senhora espere ainda esse mês“.

Quando foi no dia 17 de março, estava varrendo o terreiro com ela, de repente falou: “Lá vem teu noivo! “ Eu disse: “Deixe de mentira “. Ela disse: “Olhe ali, vem com o irmão dele. Vá tomar teu banho! “ Eu disse: “Eu não”. Continuei varrendo o terreiro. Era umas 3 horas da tarde. Vinham do sertão, a cavalo. Quando chegou, eu disse: “Estou com muita raiva de você! “ Ele falou: “Ô, eu vim com tanta alegria de lhe ver“ O irmão dele falou assim: “Tá, ó o que tu ganhasse! “ “Não vai haver o casamento, porque você não escreveu nenhuma carta...” Ele disse: “Não diga isso, pelo amor de Deus! Olhe, quando cheguei lá escrevi para você; mas, na cidade, soube que o homem que trazia as

cartas, dizendo que era meu amigo, lia as cartas e rasgava. Escrevi cinco cartas para você “. Dona Finha disse: “Coitada, só faltou morrer de chorar. Nunca recebeu nenhuma linha, nem notícias, ela esta com razão!” Mas tinha deixado dinheiro, eu já tinha mandado fazer o vestido; comprei véu, capela, comprei perfume. O dinheiro que deixou deu para tudinho. Nesse tempo tinha um tal de chorão, comprei, que ia até em baixo, a moça fez... comprei meia, sapato, tudo, estava toda vestida. “Você comprou a roupa para casar?” Eu disse: “Está tudo pronto”. “Está certo, porque se não, ia levar você para a cidade, botava na casa de meu tio para se aprontar. “

Viamos para casa do tio dele. Quando saiu, já tinha falado com o padre, já tinha corrido um banho numa cidade do sertão e trazia um certificado do padre. Quando cheguei na igreja, ouvi a missa, tinha seis casamentos. Quando fui casar o padre disse: “Você, eu não caso “. Eu disse: “Minha Nossa Senhora!” Disse que não conhecia o noivo, e que podia ser casado, mas o finado A. tinha trabalhado na casa de um doutor e tinha o senhor M. de S., era a minha testemunha, que disse: “Porque o senhor não faz o casamento dela?” “ O finado A. disse: “Não tenho mulher comigo, sou solteiro, padre!” E o doutor disse: “E o certificado está aqui, que ele trouxe! O senhor vai fazer o casamento agora mesmo; ou faz ou morre “. Ele vai, sim, fazer o casamento dela. Aí, o finado A. saiu do banco dele, porque antes de casar ninguém sentava junto e disse: “Se o padre não fizer o casamento, não quiser fazer o casamento, você me acompanha? “ Eu disse: “Acompanho “. O padre zomba: “Você vai chegar muito bonita lá!” Eu disse: “Por sua causa “. Mas ele fez. Tomamos um café que o senhor M. de S. fez, antes de viajar. Um homem disse que esse meu casamento dava um romance. Fomos... quando chegou em Bodocongó, o delegado prendeu a gente. Prendeu não, ficou detido na sala, não podia passar. Meu cunhado que estava com a carga de mala, não sei onde se impalhou com as mulheres... “Sem documento nenhum? Você vai é carregando essa moça“ ... O documento que a igreja dava estava dentro da mala. Tinha, ainda, título de eleitor, véu, capela, tudo dentro da mala. Mas Jo ficou lá viemos andando, quando chegamos em Bodocongó, aí ficamos. Eu pensei: “Agora sim, onde é que eu vou dormir hoje?” Ele disse: “Só vai quando chegar os documentos “. Quando chegou, mostrei todos os documentos. Ele pediu desculpas, mas finado A. disse: “Está desculpado, mas outra dessa, Deus me livre!” Fomos embora, dormimos numa fazenda, já escurecendo, às 7 horas da noite. O Jo tinha lá um namoro com essa moça e fomos para lá. Fomos bem recebidos, mas a gente levava carne, as coisas, porque se não achasse onde ficar, fazia assim mesmo. Eu dormi noutra quarto.

Quando cheguei no sertão, ainda dormi duas noites da casa de meu sogro. Então, ele com pressa dizia: “Vamos embora para casa! “ Mas, eu nem estava... Minha sogra foi levar.. Ele foi para Nova Palmeira, para comprar umas bolachas, queijo, manteiga, comprar tudo. Já estava tudo comprado, tudo pronto, só faltava eu! Só de lembrar, fico emo-

cionada, por isso acho graça... Nesse tempo, as moças não sabiam de nada! Hoje em dia, não precisa nem casar, já sabem de tudo! Eu era inocente na história...

Muitos anos depois é que pai aceitou o casamento. Eu escrevia, mas minha mãe era que mandava resposta. Depois, meu tio, que morava no Território do Acre, foi me buscar, disse assim a meu Pai: “Vou ver ela, isso não dá certo não; que suas irmãs também fugiram e você também roubou moça, ajudou a roubar moça, viu!” Porque meu Pai roubou moça para outras pessoas. Já faziam quatro anos do casamento. Eu não ia, porque quando estava para casar, escrevi para pedir a bênção e ele mandou dizer que fizesse o favor, que não queria nem me ver, de onde eu fosse, mais pra lá ainda. Que não procurasse escrever para ele.

Mas, meu tio M., foi lá e disse: “Isto não é possível, Anísio é uma pessoa boa, a casa é tão arrumadinha, um sertanejo tão direito, não faltou nada, quando cheguei lá”. O finado A. era bom demais, queria muito bem, me agradava muito! Mas, também, uma coisa que ele dissesse para não fazer, eu não fazia e nem ficava com raiva dele... Ele era bom demais para mim...

Todos eles eram bons para as esposas. Era um povo bom, que não bebia. Era uma luta! Tinha que fazer a bôia, mas minha cunhada é que não ajudava. Não tive filhos. Houve dois aborto, o doutor foi quem disse que era aborto, não sei... Perdi muito sangue!...

Eu não vivia só, tinha um cunhado, com 12 anos de idade, vivia lá em casa, botando comer para as ovelhas e criando gado. E tinha uma menina, que me ajudava, ela estava com 11 anos, dentro de 12, era muito esperta! O sertanejo é esperto! Levantava bem cedo, dizia: “Ô dona Diva, o que tem para fazer?”

Nós viemos para aqui num ano de seca. Já tinha ficado boa, diz o médico que foi um aborto... Não sei o que, foi não, sei que perdi muito sangue. Então viemos embora, passar uns tempos, para depois voltar. Só choveu um ano, disse: “Esta o que é que você veio fazer aqui? Não vai chover não!” Voltamos, mas fomos morar em João Pessoa, lá botamos uma mercearia. Ele vendeu a casa, o gado, vendeu as coisas. Vendeu o gado, porque quando não tem água para beber o gado morre: então, vende o gado e bota no banco.

O isolamento da entrevistada, e a nossa disposição em escutá-la, provavelmente, favoreceram o surgimento do clima de desenvoltura da mesma. com alude QUEIROZ (1991), alguns fatores, como isolamento social a que são submetidos os idosos, o clima de simpatia e de amizade desenvolvidos durante a coleta de dados, “fazem durar”, ou melhor, estender o tempo de entrevista, tornando comparável a dificuldade de “iniciar” a entrevista à de concluí-la.

COMPREENDENDO O CASAMENTO COMO UM RITUAL DE PASSAGEM

O ritual foi apontado por HELMAN (1994) como uma forma de comportamento repetitivo e que demarca a transição do indivíduo de um status a outro. Nessa perspectiva, procuramos analisar o casamento da senhora Diva como um ritual de passagem, revestido de elementos da cultura em que ela se encontra inserida a dos aspectos comuns ao contexto da época em que ocorreu o evento narrado.

Tomando por base os estágios de transição social, descritos por VAN GENNEP (1979), esse casamento pode assim ser analisado. Para tanto, lançamos mão do esquema de transição adotado por esse autor, conforme pode ser visualizado na figura 1.

Tentando adaptar o esquema de VAN GENNEP (1978) para favorecer a compreensão desse evento, utilizamos a técnica de análise temática adotada por BARDIN (1993). Para tanto, foi feita uma leitura exaustiva de toda a entrevista, de onde emergiram as categorias temáticas que deram origem aos rituais desenvolvidos em cada estágio dessa transição social.

Passamos a apresentar essas categorias, com suas unidades, procurando tecer comentários a respeito de aspectos que auxiliam na compreensão desse rito de passagem.

No *ritual de separação*, que para o caso do casamento preferimos denominar de *pré-liminaridade*, emergiram as categorias temáticas que se seguem:

- A fase de namoro

...Namorei só três anos.. Era assim só de vista. Só de olho. Às vezes eu ia conversar na casa de um primo... / ...Assim namorei três meses... / ...Assim a gente ficava conversando, mas nem parecia, nem pegado de mão, nem beijinho, nem nada não...

Um aspecto chama a atenção, é o que ficou enfatizado pelos detalhes na descrição de como se dava o namoro. O ser discreta num namoro constituía o acatamento e a aceitação das normas sociais de comportamento colocadas pela sociedade, na sua época, exigidas da mulher.

- A não aceitação da família

...Mas você sabe como é seu pai, não quer saber de mim, como eu faço para pedir?" .../ ...Eu disse: "Você manda uma carta e endireita o namoro "... / ... pai não queria, não. Acho que é porque ele era pobre, e mais moreno do que eu... /... "Mãe sabe que tenho namoro com você, mas assim não vou não. " "Tá acabado"... / ...Senhor disse: "Isso é

muito fácil, você escreve”... / ...Ele tem uma irmã que sabe escrever. Ela escreveu. Quando amanheceu o dia, pai disse: “Ô Ná, está noite chegou uma carta falando Diva a casamento”... /...Mãe disse: “Ave Maria, cheia de graças, Deus a livre!”... /... Ai teve festa, e ele deixou eu ir passear? Não. Então o finado A. fez assim: ele veio com a irmã e foram para casa de senhor. E eu, saí o quê! “Olha, você não vai sair daqui não “... /... Eu disse: “É pai o senhor não quer o casamento não, mas não vou acabar!”...

A fase de namoro constitui-se num período de aproximação de duas pessoas para ampliar o conhecimento e para as descobertas mútuas. Isso se faz pelo diálogo, afeto e carinhos. Para TIBA (1985: 170), “é uma etapa de experimentação e treino que o adolescente passa entre a fase infantil de recebimento passivo do afeto de todos e a fase adulta de complementação afetiva homem-mulher.” É nessa fase que os jovens podem demonstrar um vínculo afetivo que tende a evoluir para um relacionamento afetivo-sexual mais global. Portanto, é um momento em que sentir o apoio e a aceitação da família se faz imprescindível.

Embora a informante já estivesse com 22 anos, contar com a aceitação da família era de um valor inestimável. Para romper com essa situação que se constituía em crise, restavam-lhe poucas saídas, entre elas, uma era lutar para conseguir se firmar; uma outra seria encerrar, dar por terminado o namoro e, finalmente, a fuga é que foi escolhida.

- **A fuga**

... ele falou para mim se eu fugia. Eu disse: “Sem pedir a pai, não “.. l...Eu disse: “Não vou sair com você sem pai saber”... /...Eu não disse que fugia... /...Fugi no dia 27 de janeiro, com 21 anos... /...Ele disse: “E que hora é para fugir?” Respondi: “Às 10 horas da noite “... /... “é porque é quando meu pai tá dormindo, ele só dorme um sono. Ele fecha a porta às 9 horas e às 10 ele tá dormido”. Saí pela porta, fechei e botei a chave por debaixo da porta, onde meus irmãos dormiam... / ... quando se levantou e viu a chave, disse: “Ô mãe, a senhora se levante para fazer o comer dos trabalhadores, que Diva fugiu “. Ela chorou foi Muito... /...fui para casa de um tio dele, de pés! Fomos para a casa de um senhor que era fazendeiro nesse lugar.

Essa categoria emergiu no seu discurso, permeada de expressões fisionômicas que davam uma idéia de sentimentos possíveis de estarem sendo transportados no tempo. Os movimentos dos lábios, semelhantes a risos, estavam contrapondo-se com os fatos que estavam sendo rememorados (quando se refere ao choro da mãe pela sua fuga). A fuga, na sua

cultura, era um símbolo de contravenção. Era uma “quebra” das normas e dos valores.

Para resolver essa etapa da vida, a informante passou por situações inusitadas. Por ter deixado seus familiares às escondidas, teve que permanecer em casa de familiares do noivo enquanto este retornava do sertão, para onde tinha ido em busca de trabalho. Nessa situação ela fica, segundo seu depoimento a esperar pelo noivo.

- **A espera pelo noivo**

...Fui para lá, não quis acompanhá-lo... /...Ele ia para o sertão porque lá tinha chovido... /... “Não vou.... porque quando eu chegar lá o povo diz que eu não casei “... / ... “Quero dizer que eu só vou sair daqui casada “... / ... “Não, não faço isso não. Vou mais meus pais, minhas irmã, tem casa para gente dormir”. Eu disse: “Não vou, não quero não”. Aí padre J. H. mandou dizer a pai que eu fiquei numa casa... que eu não tinha acompanhado ele não...

O ritual de espera do noivo tem um componente que dá a idéia de purificação. Essa ênfase está presente quando a informante lembra da comunicação efetivada através do padre, para que seus pais tomassem conhecimento de que ela não havia acompanhado o noivo até o sertão.

A religião foi um dos aspectos que permeou todo o seu relato, e esta impõe normas rígidas de cunho repressivo. Infringi-las, exigia dos seus postergadores um ritual de remissão.

Outro aspecto relevante apresentado trata-se das normas sociais. O temor de não ser incorporada no novo papel social, o de esposa, mediante a não realização do casamento, caso ela resolvesse acompanhar o noivo, contribuiu para a sua tomada de decisão em permanecer e aguardá-lo, em detrimento das condições em que essa espera se processava.

- **As condições da espera**

...Levei só quatro vestidos, porque a roupa estava molhada, parece que tinha dado uma chuva, mas fui assim mesmo... Eles mandaram minha mala, que guardava minhas coisinhas... mandaram uma rede, uma coberta, e duas pares de faca e garfo. O portador chegou e disse: “Está aqui sua mala, seu pai mandou!” Mandou a roupa, e nada... / ...Entrou o mês de março, e eu não recebia nada de carta... / ...Eu pensava: meu Deus, aquele rapaz me enganou, e eu ficar aqui!... Chorava tanto, escondida do homem... Eu disse: “Ô dona Finha, vou falar uma coisa para senhora... / ...vou embora... para casa de meu padrinho... /...mas você não diga nada, não, ao senhor J/, porque não quero ficar mais aqui! Por causa daquele viúvo que está pelejando para eu casar com ele, mas não quero. Não soube decisão nenhuma, não quero nada!

“ Isso foi no começo de março... /...Então, ela falou: “Dona Diva, vou dá um conselho a senhora, espere ainda esse mês”.

Por ter saído às escondidas teve que deixar para trás as suas roupas e os seus pertences. Recebê-los sem qualquer mensagem dos seus familiares, delineiam uma separação com seus referenciais de vínculos afetivos, portanto, uma situação de segregação social. Como se isso não fosse suficiente, havia a falta de notícias do noivo, agravadas pelos assédios de um novo pretendente. Aos aspectos que já foram apontados, acrescentam-se a instabilidade afetiva, indicada pelo choro.

Todo esse conjunto de aspectos que evidenciam a segregação social aponta para os elementos culturais de valor e normas. Como indica o primeiro termo, esse incentiva e orienta o comportamento. É através dos valores que o direito à vida e à liberdade se orientam. Nesse caso, os elementos do valor emocional e do ideacional encontram-se num limiar de separatividade. Há uma cisão entre o esperado e o desejado. Dentre as condições que se lhes apresentam, uma ficou evidente nesse ritual de separação, que foi a falta de comunicação.

- **A falta de comunicação**

... Depois que cheguei lá, chorei tanto, porque ele não escrevia... Ele foi-se embora, disse que vinha em janeiro para casar, e no final de fevereiro, nenhuma carta, nem nada... /... “Você não escreveu nenhuma carta”... /... “Olhe, quando eu cheguei lá escrevi para você; mas, na cidade, soube que o homem que trazia as cartas, dizendo que era meu amigo, lia as cartas e rasgava. Escrevi cinco carta para você. “ Dona Finha disse: “Coitada, só faltou morrer de chorar. Nunca recebeu nenhuma linha, nem notícias, ela está com razão!...”

Todo indivíduo ao nascer é uma pessoa social. Esta é esperada, recebida e educada conforme as condições familiares e sociais existentes. Nesse sentido, a teoria das necessidades humanas básicas aponta a necessidade de agregação como necessária ao ser humano. O primeiro ato de comunicação como o mundo ocorre mediante o choro. Essa é a forma que o bebê encontra para se fazer presente, para se tornar inclusive um ser social. É através da comunicação que o ser humano compartilha idéias, fatos, sentimentos, atitudes e opiniões. Ela é, portanto, vital Para o homem enquanto ser social. Existem relatos na literatura a respeito de indivíduos que ficaram privados da comunicação com outros, e que esse fato os levou à morte prematura. O principal meio de comunicação humana é a linguagem. A situação em que a informante se encontrou, permeada de choro,

sem qualquer comunicação, quer seja por parte do noivo, quer por parte da família, caracterizou-se como de isolamento social.

Um outro aspecto da comunicação é que ela enquanto processo social pode se dar pela linguagem verbal, ou por outros meios, como o olhar, a postura, o vestuário ou outros meios, de forma intencional ou não, conforme aponta OLIVEIRA (1996). No entanto, a nossa informante esteve privada de qualquer meio de comunicação. O fato de as cartas terem sido interceptadas desonestamente pelo mensageiro favoreceu, ou melhor, instituiu a condição de abandono por parte do noivo, inclusive. Essa situação foi esclarecida mediante a chegada do mesmo.

- A chegada do noivo

...Quando foi no dia 17 de março, estava varrendo o terreiro com ela, de repente falou: “Lá vem teu noivo!”... “Vem com o irmão dele”... / ...Eu continuei varrendo o terreiro. Era umas 3 horas da tarde. Vinha do sertão, a cavalo... /...eu disse: “Estou com muita raiva de você”... / ... “Ô, eu vim com tanta alegria de lhe ver!”... / ... “Não vai haver o casamento, porque você não escreveu nenhuma carta...”

A chegada triunfal do noivo lembra mais uma estória de contos de fada. Resultado da reelaboração social, os contos de fada retratam a realidade vivida, ajudam a lidar com o presente e preparam para o que virá, conforme CHAUI (1991). Eles possibilitam, ainda, o entendimento da passagem de um estágio para o outro. E foi assim com a dona Diva: após três meses da fuga, ela assiste com alegria à chegada da pessoa que a faria reintegrar-se a alguma sociedade, quer fosse a de origem, quer àquela para a qual ele a levaria (cumpriu-se literalmente a expressão “esperar pelo príncipe encantado”). A ambivalência de sentimentos, a divisão entre a alegria e a raiva transformaram-na numa pessoa passiva, expressa nos movimentos de repetição emitidos durante o tempo em que permaneceu a varrer o terreiro. Tal fato provavelmente tenha levado a informante a sentir-se num processo de reintegração social, uma vez que estava ingressando num outro ritual de pré-liminaridade através dos preparativos para o casamento.

- Preparativos para o casamento

...Mas tinha deixado dinheiro, eu já tinha mandado fazer o vestido; comprei véu, capela, comprei perfume. O dinheiro que ele deixou deu para tudinho. Nesse tempo tinha um tal de chorão, comprei, que ia até embaixo, a moça fez... comprei meia, sapato, tudo, estava toda vestida. “Você comprou a roupa para casar.”” Eu disse: “Está tudo pronto”.../...Viajamos para casa do tio dele. Quando saiu, já tinha falado com o padre, já tinha corrido um banho numa cidade do sertão e trazia um certificado do padre...

Dentre os rituais que antecederam ao casamento, acredito que este foi o de maior gratificação para a entrevistada. Poder lançar mão de todo um conhecimento adquirido ao longo de sua vida, de poder fazer uso dos traços de sua cultura, através do uso do vestido branco tradicional, com direito a véu, “capela”, “chorão”, sapato, meia e perfume, certamente que naquelas circunstâncias era por demais compensador.

A preservação de traços culturais favorece a perpetuação da cultura, como lembra OLIVEIRA (1996). Provavelmente esses traços faziam parte do seu patrimônio cultural de maneira muito efetiva. Ela procurou se manter dentro das crenças, normas e valores sociais, razão pela qual procurou manter-se virgem e casar conforme o padrão da época.

Para passar desse status ao outro, teve que tramitar pelo que foi denominado de *ritual de liminaridade*. Esse estágio fica geralmente imbuído de tabus e prescrições, que são adotados como forma de proteger e de marcar a transição entre dois status sociais. Na análise do material da entrevista, as categorias temáticas que emergiram nesses rituais de liminaridades foram as que se seguem:

- A atitude do padre

...Quando cheguei na igreja, ouvi a missa, tinha seis casamentos, quando eu fui casar o padre disse: “Você, eu não caso não “... l...Disse que não conhecia o noivo, e ele podia ser casado...

A negativa do padre em oficializar o casamento pode ser entendida como um tabu, por ter uma similaridade com o sentido de uma “proteção”. Imbuído de seu poder, o padre promove a repressão como forma de preservar as normas da Igreja e os valores da sociedade. Tal aspecto ficou evidenciado quando usou o recurso da autoridade para desconfiar da honestidade do noivo.

Essa atitude de negação, mantida pelo padre, provocou reações na testemunha.

- Reação da testemunha à negativa do padre

...a minha testemunha disse: “Por que o senhor não faz o casamento dela?” ... /...O finado A. disse: “Não tenho mulher comigo, sou solteiro, padre!” E o doutor disse: “E o certicado está aqui, que ele trouxe!” “O senhor vai fazer o casamento agora mesmo, ou faz ou morre “. Ele vai, sim, fazer o casamento dela...

A reação da testemunha pode ser entendida como um processo social de cooperação, no qual o consenso a respeito das metas culturalmente legítimas, dos valores, das crenças e das normas coletivas estão presentes, quer de

forma consciente ou não, como apontado por VILA NOVA (1995). A busca de uma solução para o impasse, ainda que de maneira coercitiva, evitou uma situação de conflito. Contou, no entanto, com o reforço dos noivos, através de suas reações, para o afastamento de um conflito.

- Reação dos noivos à atitude negativa do padre

...Aí, o finado A. saiu do banco dele, porque antes de casar ninguém sentava junto e disse: "Se o padre não fizer o casamento, não quiser fazer o casamento, você me acompanha?" Eu disse: "Acompanho?" O padre zomba: "Aí você vai chegar muito bonita lá!" Eu disse: "Por sua causa"...

Recurso semelhante ao da testemunha, o de coerção, foi adotado pelos noivos, como reação à atitude do padre. Esse foi o mecanismo adotado para reforçar o comportamento da testemunha e, de certa forma, buscar alternativas de solução para o impasse. Dessa forma, foi possível ser oficializado o casamento.

- Realização do casamento

... Mas ele fez... / ... Casei fugida... / ... Foi em 1934... / ... Casei com 22 anos... / ... Ele tinha 29 e eu 22... Passei 24 anos e 5 ou 6 meses... / ...

É possível que todos esses rituais e prescrições tenham realmente um significado cultural de proteção das normas, valores e comportamentos sociais. No entanto, pela quantidade e qualidade das unidades expressas para caracterizar esse estágio, permite realizar elucubrações a respeito do que vem a estar permeando o seu verdadeiro significado.

O sofrimento anterior, provavelmente, marcou a sua memória de uma tal forma que ela não emitiu qualquer expressão a respeito do ritual durante a oficialização da cerimônia.

A partir de então, assumir o novo status social requer outro conjunto de rituais, denominados de *rituais de incorporação*.

Os rituais de incorporação se prestam, provavelmente, para fortalecer os elos sociais que vinculam as pessoas entre si, como sugere MELLO (1995). Assim entendendo, é através dos rituais de incorporação que a nova condição social é outorgada pela comunidade, ao mesmo tempo que é temida pelos novatos. As categorias que emergiram desse ritual de incorporação foram:

- A viagem

...Fomos... quando chegou em Bodocongó, o delegado prendeu a gente... /...ficou detido na sala, não podia passar. Meu cunhado que estava com a carga de mala, não sei onde se impalhou com as mulheres...

“Sem documento nenhum, você vai é carregando essa moça” ... /...estava dentro da mala... /..título de eleitor, véu, capela, tudo dentro da mala. Mas Jo ficou lá..., viemos andando... /... aí ficamos. Eu pensei: “Agora sim, onde é que eu vou dormir hoje?” “Ele disse.- “Só vai quando chegar os documentos“. Quando chegou, mostrei todos os documentos. Ele pediu desculpas, mas finado A. disse: “Tá desculpado, mas outra dessa, Deus me livre! “ Fomos embora, dormimos numa fazenda, já escurecendo, às 7 horas da noite... /... Fomos bem recebidos... /...Eu dormi noutra quarto...

À semelhança da atitude do padre, deu-se a do delegado. O uso e abuso do poder de repressão do Estado ficou evidenciado na atitude daquele que estava imbuído de um poder que lhe foi outorgado. As exigências para com a documentação da noiva, antes de ser uma questão normativa, assumiram o caráter repressivo. A mulher foi sempre alvo dessa atitude, como aponta CHAUI (1991).

A preocupação com os valores esteve sempre presente. Ao enfatizar que dormia em outro quarto, denota o quanto a informante contribuía com a permanência desse elemento cultural. Assim, é que esta nos remete a descrever a outra categoria temática, denominada de iniciação sexual.

- **A iniciação sexual**

...Quando cheguei no sertão, ainda dormi duas noites na casa de meu sogro. Então, ele com pressa dizia: “Vamos embora para casa!” Mas eu nem estava... Minha sogra foi levar. Ele foi para Nova Palmeira, para comprar... /...tudo. Já estava tudo comprado, tudo pronto, só faltava eu!... /...Nesse tempo, as moças não sabiam de nada não! Hoje em dia, não precisa nem casar, já sabem de tudo! Eu era inocente na história...

A imposição de normas e valores aos membros de uma comunidade nem sempre ocorre de maneira explícita. Entre elas se encontram aquelas vinculadas à sexualidade. Há relatos de que em torno do século XVII, “com a ascensão das burguesias, ocorreram movimentos de valorização da cultura”, passando a prática do sexo a ser compreendida “como uma atividade pecaminosa e não merecedora da aceitação divina e social”, como descreve VITIELLO (1994). Vislumbrando por essa ótica é que as gerações seguintes passaram mais fortemente a ser controladas no exercício da sexualidade. Entretanto, surgiram, a exemplo de FREUD (s. d.) e mais tarde com os movimentos feministas, marcos no conhecimento que contribuíram para a exteriorização da discussão sobre essa temática, de maneira menos carregada da idéia de pecado. Ainda assim continuaram as repressões aos jogos sexuais, desde a infância até a terceira idade. No

entanto, um aspecto desperta a atenção, à pessoa que esteve direta ou indiretamente vigiada e punida, para impedir o livre desenvolvimento da sexualidade, a partir da oficialização do casamento lhe é cobrado um desempenho de papel para o qual não está ou não se sente preparada.

Compreendemos a afirmativa da entrevistada de que “era inocente na história”, como uma forma de expressar um sentimento de despreparo para o novo status social. Enquanto pôde, ela postergou a iniciação sexual, demonstrado pela permanência na casa da sogra, mesmo contando com uma casa preparada e munida pelo noivo. O poeta já dizia que “a mão que afaga é a mesma que apedreja”, possivelmente, enviando uma mensagem a uma sociedade de suas contradições internas. Ao mesmo tempo que ela confere um novo status social, ela requer da pessoa, independente de estar ou não preparada, um bom desempenho do seu novo papel social.

O processo de mudança social faz-se de maneira mais ou menos lenta, conforme a complexidade da cultura, como afirmam MELLO (1985) e VELHO (1994). A repressão sexual tem recebido uma nova vestimenta, pela imposição de novos comportamentos e desempenhos. Entendemos que a entrevistada, ao se referir ao conhecimento e aos comportamentos das jovens de hoje, está colocando em evidência a sua percepção da mudança nos padrões culturais relativos à sexualidade, no período decorrido entre o próprio casamento e os dias atuais.

Como lembra CAMPBELL (1990), o tema do ritual é basicamente a vinculação do indivíduo numa esfera mais ampla que a do próprio corpo; leva-nos a descrever a categoria cujo tema é o restabelecimento com a família.

- **O restabelecimento com a família**

...Muitos anos depois é que meu pai aceitou o casamento. Eu escrevia, mas minha mãe era que mandava resposta. Depois, meu tio... /... foi me buscar... /...disse assim a meu pai: “Vou ver ela, isso não dá certo não; que suas irmãs também fugiram e você também roubou moça, ajudou a roubar moça, viu! “... /... Porque meu pai roubou moça para outras pessoas... /...Meu tio, do M., foi lá e disse: “Isto não é possível, Anísio È uma pessoa boa”... /...Já faziam quatro anos do casamento... /...Eu não ia, porque quando estava para casar, escrevi para pedir a bênção e ele mandou dizer que fizesse o favor, que não queria nem me ver, de onde eu fosse, mais para lá ainda. Que não procurasse escrever para ele... /...Meu tio M. foi lá e disse: .../... “A casa é tão arrumadinha, um sertanejo tão direito, não faltou nada, quando cheguei lá...

O sentido que se atribui ao termo restabelecimento pode aqui ser entendido como o de recondução, reintegração ou o ato de ser novamente

investido de algo. Nesse caso, a entrevistada ao tramitar por esse ritual de incorporação, está desenvolvendo o percurso de reintegração ao convívio familiar, após uma privação de quatro anos.

Para que ela pudesse recuperar e assumir a sua nova posição no contexto familiar, necessitou de um processo de colaboração desenvolvido por seu tio, quando busca promover a aproximação dos seus pais com o casal. Para tanto, este lançou mão de comparações entre as “transgressões” das normas realizadas não somente pela entrevistada e o noivo, através da fuga, como pelos exercícios de colaborar com o “roubo” de outras moças, realizados pelo seu pai. Outro argumento utilizado pelo tio, foi o que diz respeito à maneira como o seu esposo a tratava. Todos esses fatores contribuíram para a restauração ou restabelecimento familiar. A necessidade gregária é para o ser humano uma necessidade básica que está no quarto nível das necessidades humana, razão pela qual nos leva a descrever a categoria temática que aborda a convivência do casal.

- **A convivência do casal**

...O finado A. era bom demais, queria muito bem... /...me agradava muito! Mas também, uma coisa que ele dissesse para não fazer, eu não fazia não, e nem ficava com raiva dele... /...Todos eles eram bons para as esposas. Era um povo bom, que não bebia. Era uma luta! Tinha que fazer a bóia... /...Eu não vivia só, tinha um meu cunhado, que vivia lá em casa botando comer para as ovelhas, e criando gado... / ...O sertanejo é esperto!... /...Nós viemos para aqui num ano de seca... / ...Então viemos embora, passar uns tempos, para depois voltar. Só choveu um ano, eu disse: “Não vai chover não!” Voltamos mas fomos morar em João Pessoa, lá botamos uma mercearia. Ele vendeu a casa, o gado, vendeu as coisas...

Compreender as condições de convivência de um casal não depende exclusivamente do relacionamento interpessoal. O pertencer ou ser agregado é uma necessidade humana complexa, que envolve além das relações mais próximas também aquelas que diziam respeito ao contexto social. Este, por sua vez, impõe outros elementos que vão além das normas, valores, crenças e padrões de comportamentos e que, provavelmente, os sobrepõem, que são as desigualdades de condições sociais.

Estudar, portanto, essa convivência requer uma aproximação conceitual com os estudos da sociologia, como lembra CANDIDO (1971: 17), ao se portar, na análise de seu trabalho em *Os parceiros do Rio Bonito*, à necessidade de se focalizar “certos aspectos da cultura”, de forma a interpretar esse aspecto como parte de outro mais amplo. O enfoque que mereceu destaque por parte da informante, a respeito da convivência do casal,

extrapolou a esfera do relacionamento interpessoal, atendo-se às condições de produção. Ao lembrar que o “sertanejo é esperto” e que “era uma luta”, acrescido do relato das condições climáticas de chuva ou de seca, traz à superfície as condições de desigualdades sociais, acarretadas pelos aspectos vinculados à natureza, e principalmente, àqueles de cunho mais político-administrativo.

As migrações internas estão freqüentemente relacionadas aos aspectos que foram anteriormente citados e, como foi apontado por MELLO (1985), constitui um fator de mudança cultural. Entretanto, por migrar dentro de uma mesma região e permanecendo mais tempo na zona rural, embora não exclusivamente, suas lembranças estiveram ligadas às atividades do lidar com animais ou com as do lar, como o ter que fazer a “bóia”. O convívio exigiu rituais de mudanças e acomodações recíprocas, tanto no relacionamento interpessoal, quanto na esfera social.

Utilizamos o esquema de ritual de transição, segundo VAN GENNEP (1978), para apresentar na figura 1 a adaptação do mesmo ao casamento desta informante, como um ritual de passagem.

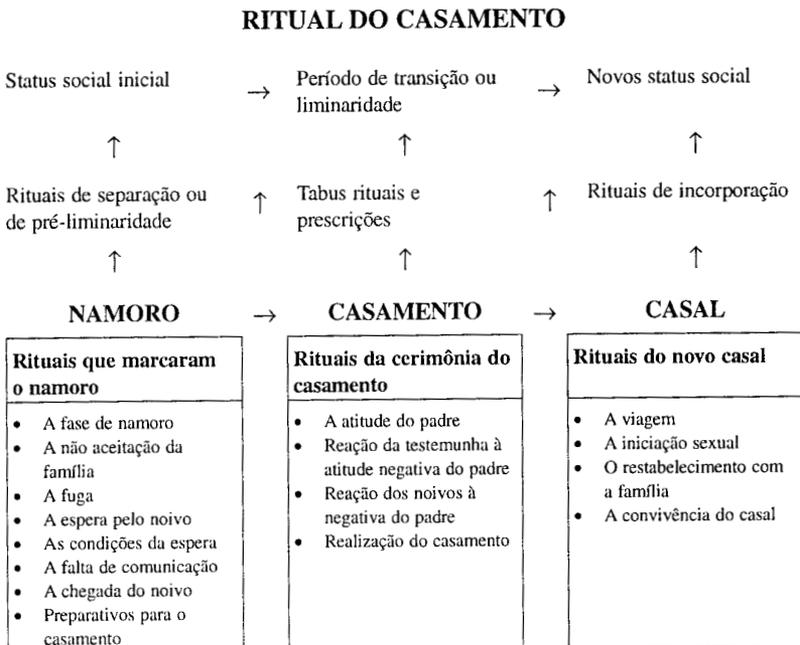


Figura 1 – Esquema dos Rituais de Transição Social, adaptado de VAN GENNEP (1978).

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Durante a realização deste trabalho procuramos aplicar os conceitos da Antropologia, através de um evento presente no cotidiano. Adotamos o casamento por ser um complexo cultural, facilitador da apresentação dos conceitos adotados por seus estudiosos, e por estar permeado de crenças, valores, normas e símbolos. Focalizamos o estudo do casamento enquanto um ritual, que é ao mesmo tempo do tipo particular e público, caracterizado como um daqueles que envolvem rituais de transição social, também conhecidos como ritos de passagens.

A busca de respaldo bibliográfico, para compreender um casamento como ritual de passagem, levou-nos a outras áreas de estudos, como a Sexualidade, a Sociologia, a História e a Filosofia, de forma a poder analisar os aspectos dos diversos rituais, compreendendo-os enquanto inseridos num contexto sócio-histórico.

Procuramos trilhar no sentido de melhor estudar a colocação de CAMPBELL (1990) quando aponta que o "tema básico do ritual é a vinculação do indivíduo a uma estrutura morfológica maior que o próprio corpo físico". No entanto, para compreender o ritual de um casamento como essa busca de superação dos próprios corpos e das próprias transformações numa unidade de estrutura morfológica mais ampla, requer uma ampliação da área focalizada, para que através da análise dos demais aspectos culturais se possam alcançar os seus verdadeiros significados culturais.

Conhecer a respeito do casamento e seus rituais, em culturas diferentes, enquanto possuidoras de múltiplas faces de vislumbrar o mundo, ampliam a possibilidade de entendimento da sexualidade. A experiência que nos foi relatada por uma mulher de 85 anos, residente na zona rural, da região Nordeste, despertou e rometeu-nos à reflexão dos valores simbólicos impostos, reproduzidos nos projetos de vida e de uma sexualidade esbarrada em regras sociais rígidas e restritivas, garantidas por normas, valores, crenças, mitos e símbolos, de elevado valor social discriminatório e repressivo. Em busca de uma felicidade almejada, a entrevistada procurou romper com essa estrutura, lançando mão, muitas vezes, de recursos traumáticos. Na busca de Eros, necessitou passar muitas vezes pelo Tanatus, permitindo que Dionísio, o deus das transformações, atuasse com mais ênfase.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARISTÓFANES. In: PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo, Nova Cultural, 1987. Col. Os Pensadores.
2. BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1991.
3. CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Palas Athena, 1990.
4. CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1971.
5. CHAUI, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12. ed. São Paulo, Brasillense, 1991.
6. DURKHEIM, E. *Le forme elementari della vita religiosa*. Milano, Edizioni di Comunità, 1971.
7. FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
8. FIRTH, R. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974
9. FREUD, S. *Uma teoria sexual*. Rio de Janeiro, Delta [s. d.]. Obras Completas VIII.
10. HELMAN, C. G. *Cultura, saúde e sociedade*. Trad. Eliane Mussnich. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
11. HERSKOVITS, M. J. *Antropologia cultural*. São Paulo, Mestre Jou, 1963.
12. MARCONI, M. A. *Cultura e sociedade*. In: LAKATOS, E. M. *Sociologia Geral*. 5. ed. São Paulo, Atlas, 1985.
13. MARCONI, M. A.; PRESOTO, Z. M. N. *Antropologia. Uma introdução*. 3. ed. São Paulo, Atlas, 1992.
14. MELLO, L. G. *Antropologia cultural. Iniciação, teoria e temas*. Petrópolis, Vozes, 1985.
15. OLIVEIRA, P. S. de. *Introdução à sociologia*. 17. ed. São Paulo, Ática, 1996.
16. QUEIROZ, M. I. P. de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1991.
17. TIBA, I. *Puberdade e adolescência. Desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo, Ágora, 1985.
18. VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagens*. Petrópolis, Vozes, 1978.
19. VELHO, G. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
20. VILA NOVA, S. *Introdução à sociologia*. São Paulo, Atlas, 1995.
21. VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade. Um manual para educadores*. São Paulo, CEICH, 1994.